

# um homem como o sr. darcy

alexandra potter

Tradução de Joana Chaves

Uma coisa vos digo, como  
tantas vezes o disse.  
Não se precipitem. O homem  
certo acabará por vir.

*JANE AUSTEN*





## CAPÍTULO UM



**É** uma verdade universalmente reconhecida que uma rapariga solteira, no seu pleno juízo, estará em busca de um homem decente.  
*Há só um pequeno problema...*

— ... então, bebemos uma bebida cada um e partilhámos uma piza, mas tu pediste dois *toppings* extra na tua metade, o que significa que tens a pagar... espera só um segundo, tenho uma calculadora no meu Blackberry...

Sentada num pequeno restaurante italiano da zona leste de Manhattan, olho para o outro lado da toalha de xadrez e observo pasmada enquanto o meu acompanhante puxa do seu «*crackberry*» e se mete alegremente a dividir a conta.

*Onde raio se pode encontrar um homem decente nos dias que correm?*

Estou a jantar com John, um arquiteto de trinta e qualquer coisa, que conheci de passagem na festa de aniversário de uma amiga, no fim de semana passado. Pareceu-me simpático o suficiente quando me pediu o número — simpático o suficiente, de qualquer forma, para partilhar uma piza numa terça à noite, depois do trabalho —, mas agora, observando-o encurvado sobre a mesa, a processar dígitos, apercebo-me rapidamente de que cometi um erro.

— ... mais 7,75 dólares, já incluindo impostos e gorjeta — declara triunfante, mostrando-me o ecrã para o provar.

Um grande erro.

PARA SER SINCERA, CULPO O SR. DARCY.

Tinha apenas doze anos quando li *Orgulho e Preconceito*, e apaixonei-me desde logo por ele. Esqueçam o rosto imberbe do Joey, dos New Kids on the Block, ou a silhueta vestida de cabedal do Michael Hutchence, dos INXS — cujos *posters* tenho afixados na minha parede —, o Sr. Darcy foi o meu primeiro amor. Devastadoramente atraente, misterioso, ardente e um incontestável romântico, estabeleceu a fasquia para todos os meus futuros namorados. Aninhada debaixo dos

cobertores com a minha lanterna, mal podia esperar por crescer para encontrar um homem como ele.

Contudo, agora cresci. E aqui estou, ainda à procura.

Desenterrando uma nota de vinte dólares da minha mala, passo-a a John.

— Não tens os setenta e cinco cêntimos? — solicita ele, a mão continuando estendida.

*Deves estar a gozar!*

Só que não está.

— Oh... hum... claro — balbucio, começando a vasculhar nos bolsos por moedas.

Não me interpretem mal. Eu não *preciso* de um homem. Tenho uma carreira, pago a minha própria renda, tenho a minha própria mala de ferramentas e sei como as usar. Quanto ao outro aspeto, bem, foi para isso que se inventaram aquelas engenhocas a pilhas.

Passo os setenta e cinco cêntimos a John. Depois, observo, incrédula, enquanto ele os confere.

Contudo, tal não me impede de ansiar por um pouco desse romance à moda antiga, de que sempre leio nos livros. Ou de sonhar acordada com conhecer alguém que me arrebate por completo e me faça disparar o coração. Um homem belo, moreno e *fiel*, de modos irrepreensíveis, ar melancólico, conversa sagaz e um desses peitos largos e másculos onde repousar a minha cabeça...

Em vez disso, nestes últimos doze meses, têm sido saídas desastrosas atrás de saídas desastrosas. *OK*, tudo bem, sei que todos têm uma história de um mau encontro para contar. É perfeitamente normal. Quem é que nunca saiu com o Tipo Sinistro/o Senhor Nada em Comum/o Gajo Ainda Embeijado pela Ex-Namorada (retirar as hipóteses conforme aplicável, ou, no meu caso, não retirar nenhuma)? Faz simplesmente parte de ser solteira. Tem de acontecer pelo menos uma vez. Duas vezes já é azar. *Mas toda uma série delas?*

Vêm-me à ideia alguns exemplos, assim de repente:

1. Bart, que tinha «problemas com intimidade». Traduzindo, significa que não era capaz de me dar a mão por ser «demasiado íntimo», mas não tinha qualquer problema em convidar-me para casa dele para ver um filme porno, no nosso primeiro encontro.
2. Andrew, que usava umas botas de *cowboy* prateadas. O que já é mau o suficiente. Mas depois de cancelar comigo no último

minuto, dizendo-me ter de trabalhar até tarde, vislumbrei-as a cintilar no escuro do cinema, nessa noite. Varrendo o olhar para cima, lá estava o Andrew na fila de trás, de língua enfiada na garganta de outra rapariga.

3. Derek, o amável professor de escola que me convidou para um jantar feito em casa. Infelizmente, «esqueceu-se» de me dizer que era a mãe quem ia cozinhar. Passados cinco pratos e umas três horas a ouvi-la falar de como o Derek era fabuloso, consegui escapar-me antes de ela sacar das fotos de bebé.
4. E agora, aqui está John, também conhecido como o «Sr. Cortês»...

— ENTÃO, QUE TAL REPETIRMOS ISTO? — PERGUNTA-ME ENQUANTO deixamos o restaurante.

— Ah... — abro a boca para responder, soltando, em vez disso, um grito abafado quando ele me larga a porta na cara e sou forçada a usar o cotovelo para a travar. Não que ele repare, pois já está no passeio a acender um cigarro.

Esfregando o cotovelo dorido, junto-me a ele lá fora. Depois do aconchego do restaurante, o frio atinge-me de imediato. É dezembro em Nova Iorque e estão bem menos de zero graus.

— O que fazes na sexta-feira? — insiste ele, erguendo as sobrancelhas e dando uma tragada no cigarro.

Oh, porra, o que é que eu digo agora?

Vacilo. Caramba, Emily! Vocês são ambos adultos. Não vai haver problema. Sê franca e diz-lhe. *Dizer-lhe o quê?*, entoa uma vozinha dentro de mim. *Que preferias espetar alfinetes nos olhos a sair de novo com ele?*

— Hum... bem, na verdade... — pronuncio num tom constrito, parando depois a meio da frase quando ele me sopra o fumo na cara. — Estou um pouco ocupada — avanço precipitadamente.

*Ocupada significando demasiado ocupada para sair com um paspalho como tu*, entoa de novo a voz. Só que desta vez aos berros.

— É só festas, hem?

Acreditem, quero  *muito* ser franca. Porquê descartá-lo com uma desculpa? Porquê proteger os seus sentimentos? Então e os sentimentos da próxima rapariga inocente com quem ele sair? É meu dever dizer-lhe. Enfim, não apenas é forreta e rude, como usa um penteado a disfarçar a careca. Exatamente. *Um disfarça-careca!*

Observo-o agora. À luz do candeeiro de rua, posso perceber a larga

mancha calva sob os longos fios de cabelo cuidadosamente penteados por cima e cobertos a laca. Apesar dos meus sentimentos, deixo-me levar pela compaixão. Ora, não sejas tão mazinha, Emily! Ele merece compreensão, não julgamento e escárnio.

Engolindo o meu desagrado, forço um sorriso.

— É, podes crer — anuo, rolando os olhos num gesto de «caraças, como estou exausta de toda essa festaria». A sério, eu devia ser uma atriz premiada pela academia e não a gerente de uma excêntrica pequena livraria no Soho. Na verdade, estive numa única festa. Foi na Sociedade de Ortodontia e estava com uma constipação. Passei toda a noite a entupir-me de *Sudafed* e a discutir a minha mordida cruzada, e às nove e meia já estava na cama. A excitação quase me matou!

— Mas foi agradável sair contigo — acrescento com cordialidade.

— Igualmente.

John parece descontraír visivelmente e sinto-me envolver por um fulgor de virtude e de simpatia. Estás a ver? Repara na diferença que umas poucas palavras amáveis podem fazer. Agora, sinto-me muito bem comigo mesma. Santa Emily! Humm, até soa bastante bem.

Impulsionada pelo sucesso, continuo:

— E o disfarça-careca está fantástico...

— *O disfarça-careca?* — John olha-me, sem expressão.

Raios! *Eu disse mesmo isso?*

— Hum... eu queria dizer piza. A piza estava fantástica — balbucio, ficando cor de beterraba e esforçando-me por não me focar na sua linha de cabelo, para a qual, é claro, os meus olhos são agora atraídos com uma força verdadeiramente magnética.

Argh! Desvia o olhar, Emily. Desvia o olhar!

Segue-se uma pausa excruciante. Ambos procuramos fingir não dar por ela. Eu, mordiscando as minhas cutículas. Ele, afagando sub-repticiamente o cabelo e examinando o seu reflexo na montra do restaurante quando pensa que não estou a olhar. A culpa esmaga-me. Agora, sinto-me *verdadeiramente* uma má pessoa. Talvez devesse pedir desculpa, talvez devesse...

Num gesto contínuo, John dá uma última tragada no seu cigarro, expelle o fumo sob este e investe sobre mim.

Oh, Céus! Isto não está a acontecer. Isto não pode estar a acontecer.

*Está a acontecer.*

Por uma fração de segundo, congelo. Tudo parece desenrolar-se em

câmara lenta. Vejo-o aproximar-se de mim, os olhos fechados, a boca entreaberta, a língua a surgir, e dou-me conta de que ele interpretou erradamente a amabilidade por um avanço da minha parte. Afortunadamente (ou desafortunadamente, talvez?), tive a minha quota de maus encontros neste último ano para manter os reflexos aguçados, conseguindo reagir no último instante e desviar-me mesmo a tempo.

Os seus lábios aterram de lado no meu rosto e ele planta-me um beijo molhado na orelha. Arghhh! Afasto-me abruptamente. Mesmo assim, é um esforço, porque ele tem a mão em volta da minha cintura, como um torno.

Separamo-nos num ímpeto e entreolhamo-nos no passeio.

— Bem, nesse caso, acho que vou apanhar um táxi para casa — articula ele, rispidamente, enterrando as mãos nos bolsos das calças de pregas.

— Sim, também eu — replico vacilante, limpando a orelha coberta de cuspo com a manga.

Silêncio. Ambos ficamos ali, na curva do passeio, tentando chamar um táxi. Finalmente, após uns penosos minutos, capto a visão familiar de um táxi amarelo com a luz acesa. Encosta e solto um suspiro de alívio, deitando a mão ao manípulo da porta, mas John suplanta-me. Fico agradavelmente surpresa. Finalmente! Um pouco de cavalheirismo.

Sensibilizada, suavizo e ofereço-lhe o primeiro sorriso genuíno da noite, enquanto ele abre a porta. Talvez o tenha avaliado mal. Talvez, ele afinal não seja assim tão mau.

Sem hesitação, ele salta lá para dentro e bate com a porta.

— Bem, obrigado por uma excelente noite — diz, espetando a cabeça para fora da janela. — Boas Festas!

— Ei... — exalo, reencontrando subitamente a voz. — Ficaste com o meu...

Mas aí o táxi arranca rua abaixo, com um chiar de pneus.

Abandonada no passeio lamacento, observo as luzes traseiras a desaparecer no tráfego e, apesar da minha raiva, sinto-me subitamente ruir por dentro. Inesperadamente, os olhos picam-me, enchendo-se de lágrimas, e pestanejo furiosamente para as afastar. A sério, mas o que é que me deu? Estou a ser ridícula. Aquele tipo era um perfeito cretino. Não estou perturbada. Estou bem, totalmente bem. E, fungando determinada, enfio as mãos nos bolsos e encaminho-me para o Metro.

— DEVIAS TER CHAMADO A POLÍCIA.

É a manhã seguinte e estou no trabalho, na McKenzie's, uma pequena

livraria de exploração familiar, onde sou gerente. Levanto o olhar para Stella, a minha assistente, que está empoleirada num escadote a preencher as prateleiras.

— Porquê? Por ficar com o primeiro táxi? — Sorrindo, resignadamente, passo-lhe mais títulos. — Por favor, Sr. Agente. O homem com quem saí ficou com o primeiro táxi; não foi cavalheiro. Prenda-o!

— Não, não por isso — replica ela, pondo uma mão na anca e exibindo uma expressão horrorizada. — *Por usar calças de pregas!*

Eu e Stella conhecemo-nos quando ela veio a uma entrevista e me impressionou com o seu extenso conhecimento de literatura. Pelo menos, fora essa a expectativa, depois de ler o seu notável CV. Contudo, após cinco minutos de entrevista, tornou-se evidente que as obras de ficção não se limitavam apenas às prateleiras. Tendo terminado uma licenciatura em Moda, Stella não tinha a mais pequena noção sobre livros, achava que o *thesaurus* era um dinossauro e, por fim, confessou que a única coisa que alguma vez lera fora o horóscopo.

Bem, pelo menos, foi honesta, «e a honestidade é muito importante», salientei ao Sr. McKenzie, o proprietário, como justificação para a contratar,

Para dizer a verdade, tinha sido uma questão do menor de vários males. Com o seu cabelo rosa-pastilha-elástica e o bizarro *outfit* de corte geométrico, que, para uma ignorante de moda como eu, me pareceu assustadoramente moderno, Stella apresentara-se-me como muito mais interessante para trabalhar do que alguns dos outros candidatos. Como Belinda, uma autoassumida «croma da Internet», que passava todas as noites no sofá a atualizar o seu blogue no MySpace, ou Patrick, de quase quarenta anos, que ainda vivia em casa dos pais e «adorava *modern jazz*». Pois. Como se eu tivesse escolha.

Passados três anos e todo um arco-íris de tons de cabelo, somos grandes amigas. Embora, profissionalmente falando, eu seja chefe dela, durante a maior parte do tempo não parece. Provavelmente porque, quando lhe passo instruções, Stella as ignore.

— Agora a sério, Emily, devias ter arrancado os tomates a esse John-não-sei-das-quantas — continua ela, empurrando vigorosamente um punhado de livros contra a prateleira. — Se ele me tivesse roubado o táxi, era um homem morto.

— Não duvido — assinto. Por trás de todos aqueles *outfits* delirantes e acessórios perfeitos, esconde-se a ferocidade de um *rottweiler*. Com efeito, Stella quase matou um ex-namorado, esguichando-o com gás pimenta

durante uma discussão sobre quem devia vencer um *reality show*. O que lhe desencadeou um ataque de asma e o desgraçado teve de passar a noite no serviço de urgência.

— Então e o que vais fazer agora?

— Apagar o número dele — digo, encolhendo os ombros e arrancando a fita adesiva de uma nova caixa de cartão.

Do cimo do escadote, Stella lança-me um olhar compassivo.

— Oh, bolas! Lamento, Em, isso é uma treta.

— Ei, já esqueci — digo, procurando soar o mais indiferente possível. — Não te preocupes, não estou perturbada com ontem à noite. É mais resignada.

Estou a tentar encarar as coisas com ânimo, mas, para dizer a verdade, a noite de ontem afetou-me bastante. Não foi John quem me deixou perturbada, ele foi só a gota de água que fez transbordar o copo. Ou, dito de outra forma, a gota que me fez entornar. Porque chega. Já decidi. Acabaram-se os desapontamentos, esperanças frustradas e encontros desastrosos. Basta!

— Sabes, tenho uma amiga que tem um irmão de arraso que acabou de romper com a namorada...

— Obrigada, mas não, obrigada — digo, abanando a cabeça com determinação.

— Mas ele é muito fixe — insiste Stella.

— Se é assim tão fixe, porque é que romperam?

Com a palma da mão, Stella coça o nariz em concentração, as suas grossas pulseiras de madeira chocalhando ruidosamente.

— Humm, não sei bem. É capaz de ter algo que ver com os seus hábitos de bebida...

Disparo-lhe um olhar incrédulo.

— Estás a tentar juntar-me com um *alcoólico*? — arquejo, indignada.

— *Ex-alcoólico* — corrige ela, na defensiva. — Frequenta os AA.

— Bem, então nem sequer pode sair num encontro — assevero firmemente. — Faz parte dos doze passos ou algo assim.

Stella mostra-se adequadamente constrangida. Mordiscando o verniz púrpura das unhas, espera em silêncio enquanto termino de desempacotar os livros de bolso, arrancando o plástico das capas e empilhando-os no chão.

Ainda é cedo e a loja está vazia. Por alguns instantes, trabalhamos em consonância sem falar, até o silêncio ser interrompido pelo tilintar da

campainha da porta. Olho de relance e vejo um cliente a entrar. Uma mulher, envolta em peles. Ela encontra o meu olhar e sorri, antes de se dirigir à secção das biografias.

— Porque é que os homens de hoje não são como os homens dos livros? — prossigo, desempacotando uma pilha de clássicos. — A sério, Stella, já tive a minha conta do amor dos tempos modernos — digo com firmeza. — E estou farta dos homens dos tempos modernos. A partir de agora, fico-me com estes homens aqui. — Detenho-me sobre um exemplar de *Orgulho e Preconceito*, de Jane Austen, dedilhando a capa com afeto. — Imagina só. Viver num mundo onde os homens não nos roubavam o táxi, não nos traíam ou eram viciados em pornografia *online*. Mas eram cavalheiros, dedicados e honrados. E calcorreavam os campos em calças de montar e camisa branca justa ao peito... Humm...

Abrindo distraidamente o livro, mergulho diretamente numa cena de forte carga sexual entre Elizabeth Bennet e o Sr. Darcy. Céus, como adoro esta parte! Recosto-me contra a estante e continuo a ler.

— Quero dizer, porque é que *eu* não posso ter um encontro com o Sr. Darcy? — Suspiro, melancólica. Estreitando o livro aberto contra o peito, fito o olhar no infinito.

— Oh, estás a falar daquele pedaço que trabalha na loja da Apple? — entoa Stella, do alto do escadote.

Levanto o olhar para ela. Não devo ter ouvido bem.

— Porque posso tentar conseguir-te o número dele...

— Stella! — disparo, incrédula. Sabia que o seu conhecimento de literatura era escasso, mas isto é inacreditável. No mínimo, teria visto o filme. — Tu estás a dizer-me que *não* sabes quem é o Sr. Darcy?

Ela encara-me, cautelosa.

— Não é o tipo que trabalha na loja da Apple? — questiona, hesitante.

— Não! — arquejo, impaciente. — Ele é o homem mais *sexy* e romântico que possas imaginar. Não só é respeitador e sabe como tratar uma mulher, como é também aquele herói melancólico e misterioso, incrivelmente sedutor, com toda uma paixão contida à espera de ser libertada...

— Caramba, parece o sonho húmido de qualquer mulher — diz ela, com uma risada.

Lanço-lhe um olhar sério.

— E onde é que encontramos esse Sr. Darcy? — indaga, em tom submisso. — Eu própria não me importava de o conhecer.

Pegando num exemplar de *Orgulho e Preconceito*, agito-o na sua direção como um advogado de acusação com uma prova.

Confusa, Stella estreita os olhos e perscruta-me por um instante, tentando compreender.

Depois, subitamente, encaixa.

— *Um livro?* — exala ela, incrédula. — Esse homem extraordinário sobre o qual deliras é uma personagem de um *livro*? — Por um instante, fita-me de olhar arregalado, depois, desce pelo escadote e, num golpe rápido, arranca-me o livro da mão. — Eu digo-te porque é que não podes ter um encontro com o raio do Sr. Darcy — repreende-me ela. — Porque é ficção. — Voltando a subir o escadote, ela empunha-o fora do meu alcance. — Ele não é real. Caramba, Emily! Às vezes, pareces mesmo uma romântica incurável.

Ela pronuncia-o com tal pesar, como se eu sofresse de uma doença terminal.

— O que há de mal em ser uma romântica incurável? — contraponho, na defensiva.

— Nada. — Ela encolhe os ombros, agachando-se no cimo do escadote e abraçando os joelhos ossudos contra o peito. — Mas precisas de encarar os factos. Precisas de viver no mundo real. Isto é Nova Iorque na década de 2000 e não as páginas de... — Interrompendo-se, olha de relance a sinopse na contracapa do livro. — ... De um romance do século XIX passado no cenário rural de Inglaterra.

E, inclinando-se para diante, agarra o resto da pilha de *Orgulho e Preconceito* das minhas mãos e enfia-a, sem cerimónias, na prateleira atrás de si.

— Repete comigo, Em. *O Sr. Darcy não existe.*

## CAPÍTULO DOIS



O resto da manhã esgueira-se num frenesim de compras de Natal. A maioria das livrarias de hoje são grandes estabelecimentos genéricos com cadeias de café integradas, mais interessadas em promoções de pague dois, leve três, números de vendas e em levar as pessoas a pagar preços exagerados por *lattes* desnatados, mas a McKenzie's é diferente.

De escala reduzida e propriedade da mesma família há três gerações, estamos localizados numa pequena rua lateral, espremidos entre um chapeleiro e uma padaria italiana. Grande parte das pessoas passa simplesmente por nós, demasiado ocupada a admirar todos os estranhos e espantosos chapéus da montra contígua ou apressando-se pela porta do lado para pedir uma *ciabatta* tostada. Não reparam na porta de mogno antiga com o vidro esmaltado original, através do qual o sol do fim de tarde penetra, criando padrões de luz sobre o chão de madeira polida. Mas para aqueles passantes que se deparam connosco, por acaso ou por recomendação, a sua primeira vez nunca é a última.

Penso sempre que transpor aquela porta é um pouco como transpor a porta do armário que dá acesso a Narnia. Lá fora é a agitação frenética da Nova Iorque de todos os dias, mas, quando a campainha repica saudando a nossa chegada, deixamos a realidade para trás e entramos no mundo da imaginação.

A McKenzie's é uma pequena loja, mas que transborda de uma eclética mistura de material de leitura. As paredes estão revestidas de prateleiras do chão ao teto, onde *bestsellers* convivem com primeiras edições, títulos especializados e publicações raras, enquanto ao centro uma grande mesa de cavalete está carregada de livros de mesa magnificamente ilustrados.

O meu *spot* favorito é ao pé da janela. Aí, ao lado de suportes de revistas preenchidos com publicações de todo o mundo, há um velho sofá de couro *boutonné*. Gasto e encurvado no meio, é onde milhares de clientes, ao longo dos anos, escaparam à sua vida quotidiana pelos poucos momentos

necessários para ler o primeiro capítulo do mais recente *thriller de suspense* ou deixar-se emocionar por um simples verso de bela poesia.

Trabalho aqui desde a faculdade e para alguém que adora, acima de tudo, aninhar-se com um bom livro, é um emprego de sonho. Os meus pais dizem, na brincadeira, que eu estava predestinada desde a nascença a acabar aqui, porque os livros me estão no sangue. Os meus pais são académicos — a minha mãe ensina Inglês e o meu pai, História de Arte — e ambos devoram livros.

Ao crescer, não tínhamos televisão em casa. Em vez disso, a mim e ao meu irmão foi-nos dito que «usássemos a imaginação» e deram-nos livros. Segundo os meus pais, aprendi a ler quando tinha apenas dois anos e meio. Enquanto todas as outras crianças iam ao parque brincar nos baloiços, a minha mãe e o meu pai levavam-me à biblioteca pública.

Ao que parece, as minhas primeiras palavras foram «Por favor, não façam barulho».

No entanto, o Sr. McKenzie está a ficar velho e, com o seu único filho sendo médico e não se mostrando interessado em tomar conta do negócio, tem-se falado em vender. Há seis meses, teve uma oferta de uma das grandes cadeias de café, que pretendia substituir o vidro esmaltado pelo logótipo da marca, instalar um chão de cimento e colocar livros falsos nas prateleiras de mogno. Ele recusou, dizendo que só por cima do seu cadáver. Porém, seja como for, tenho a sensação de que os meus dias aqui estão contados. Não que me preocupe comigo própria, posso sempre arranjar outro emprego, mas nunca haverá outra livraria como a McKenzie's. Uma vez desaparecida, desaparecerá para sempre.

ESTENDENDO O TROCO A UM CLIENTE, VOLTO-ME PARA A próxima pessoa na fila e vejo que não há ninguém. Solto um suspiro de alívio. Graças aos Céus! Stella ainda está na sua hora de almoço e a correria até ao Natal é sempre uma loucura. Todos andam em busca da prenda perfeita. É aquela altura do ano em que a maioria das pessoas vai direta à mesa, na ilusão de que maior é sempre melhor e de que só um grande e dispendioso livro de mesa será suficiente. É certo que causam impacto, mas, invariavelmente, esses volumes de lustrosas fotografias são folheados uma única vez e depois deixados a ganhar pó, ao passo que um livro bem apreciado poderá ser desfrutado no Metro, na banheira, debaixo dos cobertores, e emprestado aos amigos e à família para ser lido vezes sem conta.

Ninguém esquecerá *O Monte dos Vendavais*, mas quem se irá lembrar

da *História dos Incríveis Artistas do Trapézio?*, reflito, reparando numa figura ao pé da mesa de cavalete. Baixo e atarracado, o cabelo de um cinzento quase branco, folheia o grande livro de capa dura. Vou ter com ele. Está mergulhado em concentração.

— É para a Stella? — pergunto, espreitando sobre o seu ombro.

Ele dá um salto.

— Ei, Em, tudo bem? — arqueja, o rosto jovial abrindo-se num sorriso.

— Oh, vai-se andando. — Sorrio, e ele dá-me um beijo em cada face, salpicando-me com a farinha que lhe cobriu o cabelo preto reluzente e o fez parecer branco. — Como estás, Freddy?

Freddy é o marido de Stella, mas é só um casamento para obtenção do visto de residência. Conheceram-se há dois anos, quando ela entrou na padaria da porta ao lado para comprar umas sandes para o almoço, e, desde então, tornaram-se grandes amigos. Freddy é italiano e, quando o seu visto expirou, Stella propôs casar-se com ele. Em troca, ele deixa-a morar a custo reduzido no pequeno apartamento por cima da padaria. Parece um arranjo perfeito, e é-o. Exceto um pequeno pormenor: Freddy está claramente perdido de amores por ela — e a única pessoa que não se apercebe disso é Stella.

— Então e o que achas? — indaga ele, gesticulando na direção do livro. — Para o Natal.

Franzo o nariz.

— A Stella pode trabalhar numa livraria, mas acho que nunca a vi ler um livro.

— Humm, acho que tens razão... — Acena com a cabeça, franzindo a testa. — Mas podia olhar para as fotografias — sugere ele, com vivacidade.

— Alguma vez a viste olhar para uma fotografia que não fosse de moda? — riposto, erguendo as sobrancelhas.

Freddy afunda-se e solta um profundo suspiro.

— Desisto. Sou um inútil. Nem lhe consigo comprar um presente.

Parece tão desolado que o meu coração se compadece.

— Ouve, posso fazer uma sugestão?

— Claro — anui ele, com tristeza.

— Deixa-me fazer algum trabalho de investigação por ti e descobrir o que ela realmente quer. — Aperto-lhe o braço. — E garanto-te que não são os *Artistas do Trapézio*. — Sorrio, retirando-lhe delicadamente o livro das mãos. — Não que não seja um excelente livro — acrescento, em lealdade para com a livraria. — Simplesmente, não o é para a Stella.

Freddy lança-me um olhar agradecido e, depois de nos despedirmos, deixa a loja. Ao sair, quase colide com Stella, que regressa da sua hora de almoço, o rosto corado de excitação.

— Olá, Freddy — diz ela, distraidamente. Passando rapidamente por ele e na minha direção, anunciando: — Tenho uma surpresa e tanto para ti!

Por cima do ombro dela, posso ver Freddy. Detendo-se momentaneamente à entrada, observa Stella. A sua expressão diz tudo.

— Vais *adorar*!

Enquanto ele desaparece na rua, volto-me para Stella.

— Adorar o quê? — murmuro. Deixando-me cair no banquinho atrás do balcão, deslizo para o computador. Conheço Stella suficientemente bem para saber que, sempre que ela pensa que vou adorar alguma coisa, invariavelmente não adoro.

Sem levantar os olhos do teclado, começo a verificar os *e-mails* de trabalho. Finalmente, a loja esvaziou-se, à parte a mulher ainda na secção das biografias, sendo uma boa ocasião para começar a tratar das encomendas de Natal de última hora.

— Já sei o que vais fazer! — continua ela, absorta no seu entusiasmo. Desenrolando o cachecol de riscas, salta para o meu lado, arfando ofegante sobre o meu cotovelo, não muito diferente do *labrador* dos meus pais quando há comida por perto.

— Em relação a quê? — digo, continuando a digitar.

— Em relação a todos esses encontros *desastrosos* a que estás sempre a ir — despeja.

— Obrigada por me recordares, mas não vou a mais nenhum encontro.

Stella agita a sua luva sem dedos, em rejeição.

— Tu vais animar-te e vir comigo e mais um grupo de amigas — prossegue, excitadamente.

Segue-se uma pausa de *suspense* enquanto ela espera que eu pergunte exatamente aonde é suposto ir com ela e um grupo de amigas — sem dúvida, com nível de excitação equiparável ao dela —, mas apenas consigo pronunciar um pouco convicto «Hum».

O que não é suficiente para Stella, que grita:

— Em, tu vais ao México! — naquele tom de voz que os apresentadores de concursos usam com os pobres e desprevenidos concorrentes.

Desvio o olhar do monitor para a encarar.

— Stella, que raio estás para aí a inventar?

— No Ano Novo! — exala ela, saltando para cima do balcão. Lanço-lhe

um olhar autoritário, mas ela ignora-me, como sempre. Cruzando as pernas, puxa para cima as suas meias de rede e continua: — A minha amiga Beatrice, que vive em Londres, acabou de me ligar. Ela marcou uma viagem para Cancún, no México. Duas pessoas desistiram à última hora, o que significa que há dois lugares vagos. — Sorri de excitação. — *Eu* — anuncia, pressionando o polegar contra o seu peito. — *E tu*. — Com um floreado, aponta o dedo para mim. — Só temos de tratar dos nossos voos a partir de Nova Iorque.

— E quem vai ficar aqui a trabalhar enquanto partimos as duas para o México? — pronuncio em tom de rejeição. A sério, Stella não tem a mais pequena noção do que significa ser gerente. Ela acha que a loja se gere sozinha.

— Está tudo resolvido — anuncia triunfante. — O Sr. McKenzie já se ofereceu para o fazer.

— O Sr. McKenzie, o dono? — Ergo o olhar, em surpresa. — Queres dizer que já lhe perguntaste?

— Liguei-lhe antes. Ele disse que teria todo o gosto em cuidar das coisas enquanto estivéssemos fora. Para ser franca, pareceu-me mesmo encantado com o pedido — confia nela, alegremente. — Disse que lhe faria bem sair de debaixo dos pés da mulher, para variar.

Fito-a, boquiaberta. Não sei se fique feliz por, pela primeira vez em cinco anos, não ter de trabalhar na semana entre o Natal e o Ano Novo. Ou chateada por Stella ter passado diretamente por cima de mim. Decido-me pela primeira opção.

— Oh, está bem — assinto, à falta do que dizer.

— Maravilha — guincha Stella, soprando um grande balão púrpura de pastilha, que rebenta com a língua. — Vai ser fantástico! Parece que é daquelas viagens de férias com tudo incluído, para adultos e solteiros com menos de trinta à procura de diversão...

Oh, não!

Vem-me um súbito sentimento de pavor. Estou sempre a folhear as revistas inglesas que vendemos na loja, por isso sei tudo o que há a saber sobre esse tipo de viagens. O suficiente para saber que são a minha ideia do Inferno.

— Diversão? — repito, com cautela.

— Hã-hã! — Ela irradia, com orgulho. — Fixe, hem?

— Bem, acontece que... — começo, tentando rapidamente pensar numa desculpa, mas ela não me deixa terminar.

— Oh, porra! — exala, pespegando a mão sobre a boca. — Nem pensei. O que foi agora?

— Que falta de tato a minha... — pousando uma mão consoladora no meu ombro, profere em voz abafada. — Não pensei na questão da idade... — Segue-se uma pausa, após o que sussurra em tom consolador. — Não tens menos de trinta, pois não?

Afasto-me, irritada.

— Desculpa lá, mas tenho vinte e nove! — corrijo-a, levando as mãos ao rosto como que subitamente receando que este tivesse descaído até aos joelhos, desde a última vez em que me vi ao espelho. Francamente! Adoro Stella e sei que ela é bem-intencionada, mas, por vezes, pergunto-me o que se passará dentro daquela sua cabeça (presentemente) loura platinada. Primeiro, tenta juntar-me com um alcoólico, e, agora, diz-me que sou velha. — Só tenho mais dois anos do que tu — acrescento, na defensiva.

Stella encolhe-se.

— Ups, desculpa, não quis dizer... só quis dizer... Bem, tu sabes como eu sou com números e cenas e... tu não tens idade, Em — conclui ela com vivacidade, sorrindo-me com aquele seu rosto de faces redondas e olhar atrevido de vinte e sete anos.

— E tu estás prestes a ficar sem trabalho, se continuares — aviso-a, de mau humor.

— Vá lá, Em, é exatamente aquilo de que precisas.

O entusiasmo de Stella é como um colete à prova de bala. Verdadeiramente impenetrável, juro. Faço girar o meu banco para a encarar.

— Stella, acredita, é a última coisa de que preciso.

— É com tudo incluído — acrescenta, piscando o olho.

Nem sequer quero começar a imaginar ao que ela se refere. Felizmente, não tenho de o fazer, pois somos interrompidas por um cliente.

— Peço desculpa, mas gostava de levar este.

Levanto o olhar e vejo que é a mulher da secção das biografias. Céus, ainda aí está? Pensei que já se tinha ido embora.

— Encontrou tudo o que procurava? — pergunto, estudando-a curiosa. Usando um gorro de pelo, delicados brincos em forma de gota e um forte aroma floral, tem um ar exótico e ligeiramente antiquado. Dir-se-ia saída do cenário de um filme de época e não das ruas de Manhattan.

— Sim, obrigada — responde num sotaque britânico. Sem levantar os olhos, faz deslizar um delgado volume encadernado a couro para o balcão de vidro.

Pego-lhe e procuro o título. *Cartas Privadas de Jane Austen*, gravado a letras douradas. Curioso, não me lembro de o ter visto antes. Viro-o ao contrário, mas não tem código de barras no verso, apenas um autocolante escrito à mão. Não é a minha letra. O livro deve ter andado anos perdido pelas prateleiras, pondero, registando a compra.

— Aqui, vê só. Porque é que não dás uma vista de olhos ao lugar?  
— Reaparecendo por trás de mim, Stella planta uma brochura de cores vivas ao lado da caixa registadora. Pelo canto do olho, vejo uma foto em grande plano de raparigas de seios generosos em biquíni, aos guinchos com os braços acima da cabeça, enquanto cavalgam uma banana insufável. «DIVERSÃO! DIVERSÃO! DIVERSÃO!», surge estampado por cima a amarelo-ácido.

— Receio que não vás poder contar comigo — replico, sem sequer pegar no folheto.

— Mas porquê? É uma excelente oportunidade, vai ser divertido. Pensa em todo aquele sol, mar, areia... — Relanceando a cliente, Stella baixa a voz, inclina-se sobre mim e sussurra-me ao ouvido. — *Sexo!*

Uma visão a dançar numa discoteca cheia de espuma, com uma pulseira de missangas, ao lado de um adolescente de dezoito anos coberto de acne e empunhando uma *piña colada* atafalhada de sombrinhas de cores berrantes, deixa-me horrorizada.

— Receio bem que não — murmuro, passando à senhora inglesa o seu recibo e o saco de papel pardo com McKenzie's gravado de lado. Ela baixa a cabeça em cortesia, o rosto permanecendo escondido pelo gigantesco gorro de pelo, depois dá meia-volta e afasta-se.

— Quero dizer, olha só para este tipo. É um arraso!

Volto a minha atenção de novo para Stella, que se debruça sobre a brochura.

— Eu não vou — digo firmemente.

— Oh, Em... — lamuria-se ela.

— Não — abano a cabeça, resolutamente, e volto para junto do computador. Retomo a verificação dos *e-mails*: encomendas de livros... ofertas promocionais...

— Então, o que é que vais fazer? Os teus pais vão estar em casa este ano?

Os meus pais vivem a norte de Nova Iorque, mas não passam o Natal e o Ano Novo em casa, desde que saí da faculdade. No ano passado, foi um safari no Botswana. No ano anterior, foram duas semanas num barco-casa

na Índia. E antes disso... Céus, já lhe perdi a conta, mas foi algures onde os telemóveis não funcionavam.

«A gastar a tua herança», é como me descrevem risonhamente essas viagens, e fico verdadeiramente feliz por eles. São *hippies* nascidos de novo e com dinheiro — calçam *Birkenstock*, guiam um *Prius* e comem orgânico, o meu pai até fazia ioga antes de lesionar as costas — e, todos os anos, desaparecem sem sequer um cartão de Natal.

— Não, este ano vão à Tailândia num retiro de meditação — digo, encolhendo os ombros. — Mas fui convidada para jantar em casa da minha tia Jean, no dia de Natal.

Admito que ficava um tanto perturbada quando todos os meus amigos iam passar as festas a casa, com a árvore e o peru e tudo o mais, mas agora já me habituei. Normalmente, fico em casa do meu irmão Pete, em Brooklyn, mas há seis meses ele conheceu Marlena, uma atriz, e este ano decidiram ir visitar os pais dela à Florida, para o Ano Novo. O que não tem qualquer problema; provavelmente, este ano ficarei em casa, aninhada com um copo de vinho e um bom livro. Seja como for, a véspera de Ano Novo é sempre um atroz anticlímax, não é?

— Então e a véspera de Ano Novo? — questiona Stella, sem erguer os olhos da brochura.

Dito isso, prefiro omitir os meus planos à rapariga que pensa que ficar em casa numa *vulgar* noite de sexta-feira é um destino pior do que a morte.

Faço uma pausa e, nesse momento, reparo em algo no balcão. É um folheto de alguma coisa. Estranho. Não o vi antes. Pergunto-me quem o terá deixado aí. Curiosa, aproximo-me e pego nele. É uma fotografia de uma impressionante paisagem campestre, sobre a qual se pode ler a letras pretas: «Visitas especializadas para amantes de literatura: *passa uma semana com o Sr. Darcy — explore o mundo de Jane Austen nas paisagens rurais inglesas.*»

— Vou a Inglaterra — digo de chofre.

Assim que as palavras me saem da boca, quero voltar a engoli-las. Oh, porra! Porque é que fui dizer aquilo?

— Vais? — interpõe Stella, os seus olhos arregalados de espanto. — Quando?

Oh, duas vezes porra! Não faço a mais pequena ideia.

Ansiosamente, relanceio o folheto. Tem o endereço de um *site*, pelo que, fingindo ainda estar ocupada a verificar *e-mails*, digito-o rapidamente no computador. Uma caixa abre-se de imediato.

— Hum... — procuro agir com toda a naturalidade enquanto percorro

rapidamente toda a informação em torno da visita. Vou ter de fazer *bluff*. — Em breve... — esboço, tentando ganhar tempo. Oh, meu Deus, onde estão as malditas datas? Têm de estar em algum lado. Tentando manter-me calma, descontraída e controlada, aliso o cabelo para trás e continuo a percorrer o ecrã, os olhos varrendo furiosamente as linhas. Posso sentir o olhar de Stella a abrir um buraco de lado na minha cabeça.

Tudo bem. Nada de pânico, Emily.

A imagem de uma banana insuflável surge-me na mente.

Entro em pânico.

E, então, avisto-as. Escritas em letra sumida, no fundo, estão as várias datas das visitas. Finalmente! Descortinando uma que coincide com a ida a Cancún, clico sobre ela. Bem, nunca se sabe, pode haver um cancelamento para o Ano Novo. Sub-repticiamente, cruzo os dedos da minha mão esquerda por baixo do balcão. De qualquer forma, não é que vá realmente, estou só a fingir.

Olho duas vezes, quando surge no ecrã «Uma vaga», fitando as palavras com espanto.

— Em breve, quando? — contesta Stella.

Por outro lado, até é capaz de ser divertido. Inglaterra, no Ano Novo. Consigo imaginá-lo agora. Todas aquelas encantadoras aldeiazinhas, *pubs* acolhedores com lume aberto e catadupas de história.

*E nem uma banana insuflável à vista.*

Movo o rato para o botão de RESERVAR AGORA e clico.

— Na próxima semana.